

## Introdução

O talvez um pouco longo título dessa dissertação será meu ponto de partida: O sonho dos incalculáveis, coreografias do feminino e do feminismo a partir de Jacques Derrida. Começo pelo final – a partir de Jacques Derrida. Esta formulação, que parece tão simples, foi particularmente pensada e discutida entre Paulo e eu. O “a partir” do título quer marcar que o pensamento da desconstrução, o pensamento de Jacques Derrida é ponto de partida, mas não é origem, do levantamento de uma série de questões para as quais a desconstrução aponta. O pensamento da desconstrução propõe, de certa forma, esse permanente envio a partir do qual se abrem outras questões que Derrida se dedicou a pensar, como literatura, linguagem, psicanálise, política, ética, e feminismo.

As coreografias do feminino e do feminismo são a indicação de que estamos dançando, que estamos em movimento. O movimento de um chão movediço, em que o ora nos movemos para baixo, ora para cima, sem nunca alcançar o conforto de uma base sólida, indicativo das intenções do pensamento de Derrida, definido pela filósofa argentina Monica Cragolini como um pensamento que treme.

O movimento, a dança que a feminista Emma Goldman evocava já no século 19, vai servir de inspiração para que Derrida sonhe com os incalculáveis sexos que estão no título principal deste trabalho.

Incalculáveis porque pensados fora da ordem do cálculo, incalculáveis também porque incontáveis para além do número dois, incalculáveis porque colocam uma pergunta derridiana que reproduzo neste trabalho: é possível pensar para além da estrutura binária do par opositivo feminino/masculino?

O sonho de Derrida com uma “sexualidade sem número”, não marcada por sexos opostos ou oposições identificáveis, não seladas com duas classificações, homem e mulher, o sonho dos incalculáveis, como pretendo ter conseguido demonstrar, não seria um indeterminismo em relação a homens e mulheres ou qualquer tipo de relativismo em relação ao gênero.

Derrida estaria indicando que é possível ir além da oposição masculino/feminino, entendida como mais uma das oposições metafísicas sobre as quais se formulam os discursos de exclusão. O sonho de uma “sexualidade sem

número”, que quer ir além de classificações opostas, sem essencializar nem o masculino nem o feminino, permitindo aí as novas coreografias do feminino e do feminismo.

Não se trata de pensar em algo novo, mas de embaçar, estremecer, abalar as posições fixas que fundamentam o masculino e o feminino, não para por um fim nas diferenças, mas reconhecendo que as diferenças são mais complexas do que a suas supostas estruturas binárias.

Esta questão, que é uma imensa questão, se abriu para mim como uma chance de estabelecer na filosofia o debate sobre o arraigado campo das identidades, sobre o qual estão estruturados os movimentos emancipatórios como o feminismo. Há uma questão formulada por Judith Butler que ecoou na minha cabeça durante todo o tempo em que pesquisei, escrevi e trabalhei: “Há o refrão de que, justamente agora, quando as mulheres começam a assumir o lugar de sujeitos, as posições pós-modernas chegam para anunciar que o sujeito está morto” (BUTLER, 1998, p.23 ).

Isso que soa quase como uma injustiça me levou a entrar no pensamento da desconstrução a partir do seu início. É deste pequeno percurso que pretendo tratar.

A primeira parte desta dissertação é dedicada a apresentar como o pensamento da desconstrução encara a questão da verdade e a questão do sujeito.

Em *Gramatologia*, Derrida dá início a esses movimentos simultâneos de inversão e deslocamento. Nesse livro, o filósofo explora a idéia de que a tradição teria promovido o rebaixamento da palavra escrita em detrimento da voz.

Nessa “fala plena e presente” estaria aquilo que Derrida problematiza: ao considerar que os sons emitidos pela voz estão diretamente ligados aos estados da alma, enquanto as palavras escritas seriam meros símbolos das palavras faladas, a tradição confere à escrita maior distância da presença – e portanto da verdade – e dá à a palavra falada uma relação natural com o logos.

Derrida parte desse ponto para mostrar como, em nome dessa ligação entre voz e razão, a escritura sempre esteve rebaixada, recalçada, subjugada em relação à verdade da palavra falada, esta amparada no ideal de presença como verdade.

Ao valorizar a escrita, Derrida não estaria pretendendo promover uma simples inversão para sobrepô-la à fala. Derrida vai reconhecer o valor do que

estava historicamente rebaixado, mas também de fazer da inversão o primeiro ato de uma coreografia cuja cena final é o deslocamento.

E deslocar-se é não se fixar a identidades.

Quando um movimento de deslocamento se completa, não é em direção a um novo conceito ou a conceitos com novas identidades, mas a um “multiplicar de identidades”, o que de fato interessa à desconstrução.

Há um duplo gesto no pensamento da desconstrução, um duplo jogo que impõe esses dois movimentos.

Derrida não quer apenas fazer emergir o recalcado para sustentá-lo no alto ao trazer à tona o significante, a mulher e a escrita, em detrimento dos seus opostos, o significado, o homem, a voz.

A tarefa do pensamento da desconstrução seria a de completar esse duplo gesto e apontar para um deslocamento. Se fosse uma mera inversão, seria de certa forma um gesto único, e não duplo, no qual a tensão do movimento estaria terminada ao fim do ato de inverter.

Chego a *Coreografias*, uma entrevista entre Derrida e a teórica feminista Christie McDonald. Eles trocaram correspondências num debate que tem o livro *Éperons* como ponto de partida. Numa das perguntas dessa entrevista, McDonald defende a idéia de que primeiro seria preciso inverter – e conferir às mulheres o lugar superior na hierarquia, que sempre lhes foi negado – para só depois deslocar.

A partir desse ponto, Derrida vai problematizar o que chamará de ilusão topográfica, apontando os riscos essencialistas de se conferir um lugar para a mulher, demonstrando que a mera inversão não altera as estruturas que se quer combater.

Apoiado numa leitura de Nietzsche, em *Éperons* ele vai afirmar que as feministas são como filósofos dogmáticos, que para Nietzsche, são messiânicos, metafísicos e moralistas. Essa associação de Derrida às críticas de Nietzsche vai causar profundo desconforto e tensão entre o filósofo e muitas teóricas feministas. Explorar essa tensão foi um dos meus objetivos.

Tomo, para isso, duas afirmações de Derrida: a primeira, quando ele diz que toda desconstrução é feminista. E a segunda, quando ele afirma não ser nem feminista nem anti-feminista.

Exploro esse jogo do nem/nem para explicar os indecíveis derridianos.

Os indecíveis são proposições que Derrida vai tomar emprestado de um matemático para dizer que existem afirmações que não são nem falsas, nem verdadeiras. Com os *indecíveis*, Derrida está problematizando as suposições de oposição da metafísica: nem isto, nem aquilo, nem preto nem branco, nem dia nem noite, nem fora nem dentro, nem seco, nem molhado.

Os *indecíveis* de Derrida nos lançam não no cinza – o que seria apenas um novo lugar –, mas nos inúmeros matizes que existem entre o preto e o branco.

Em Éperons, Derrida vai dizer que a mulher é um indecível e vai colocar o feminino num lugar de não-verdade, de onde algo novo pode surgir.

Muitos de seus críticos dirão que Derrida está se alinhando à tradição, que sempre associou o feminino à falta, ao vazio a ser preenchido pelo outro, que é sempre masculino. É Gayatri Spivak quem vai chamar atenção para o fato de que, na desconstrução, as ausências são valorizadas, e não desqualificadas.

Nessa mesma linha de valorização da ausência, tento mostrar como Derrida pensa a questão da ausência de um sujeito estável a ser representado. O que discuto é que se todos os ideais modernos de emancipação foram construídos tendo como base uma razão centrada no sujeito, e se o pensamento da desconstrução abala, rompe, desloca e abre uma fenda nessa base que deixa de ser sólida, o que esse pensamento teria a oferecer diante dos inúmeros desafios da política contemporânea?

Essa pergunta havia sido o ponto de partida do projeto de mestrado porque se atribui ao pensamento da desconstrução a liquidação do sujeito: um gesto que, entre outros “relativismos”, contribuiria para o desmantelamento de valores.

Em contrapartida a essas acusações de liquidação do sujeito, Derrida diz: “Nunca houve para ninguém O Sujeito, eis o que eu gostaria de começar por dizer. O sujeito é uma fábula” (DERRIDA, 1992c, p. 279).

O sujeito não estaria liquidado porque o sujeito nunca esteve lá. E nunca esteve lá porque haveria, na gênese da sua divisão e do seu descentramento, um traço constitutivo de alteridade que abalaria qualquer projeto de centramento de um sujeito clássico. A alteridade traz para a compreensão do sujeito esse abalo do outro, do diferente, o estranho a si – e não o próprio de si. A alteridade insere uma ferida que impediria a formação de uma identidade estável pela qual o sujeito possa responder.

Desse reconhecimento de uma alteridade que me é constitutiva, desse reconhecimento da impossibilidade de uma presença a si, Derrida vai embaralhar ainda mais a questão do sujeito, apontando para o fato de que o discurso do sujeito faz parte de um esquema cuja estrutura é feita de recalques, de eliminação da alteridade e da singularidade.

A questão do sujeito me interessa na medida em que sempre que houve O sujeito, este sujeito foi masculino. Por isso, embora muitos vejam nisso que seria a “liquidação do sujeito” uma conspiração contra as mulheres, preferi me alinhar às autoras que enxergam aí uma oportunidade.

Busquei com isso aproximar o pensamento da desconstrução de muitas teóricas feministas que defendem a hipótese de que o sujeito do feminismo não desaparece, mas passa a ser entendido como imprevisível e indeterminado.

Estou falando de alguma coisa que pode soar como impossível, mas que a mim aparece como esse duplo trabalho: que o sujeito feminino venha a deixar de ser o motor da política feminista. Pode-se dizer que um dos objetivos do movimento feminista seria instituir a mulher como sujeito de direitos. No entanto, de que serviria a instituição de um sujeito de direitos inscrito na mesma lógica que se pretende combater?

Muitos autores, na tentativa de explicar o pensamento da desconstrução, afirmaram que este pode ser entendido como “um pensamento que quer ir além”, “uma filosofia do impossível”, “uma filosofia do limite”. É neste “ir além” das conquistas já realizadas, é neste “impossível” que esta pesquisa coloca seu foco.

Recorro a autores que dialogaram com Derrida sobre as possibilidades e as tensões da aliança entre o pensamento da desconstrução e o feminismo para formular esta pergunta: é possível ir além? Aceitar divergências, fragmentações e rupturas, e não apostar numa unidade totalizante também é fazer política.

Derrida também vai discutir como fazer política apoiada em reivindicações de direitos não deve supor que os direitos sejam alcançáveis pelo aparato jurídico. O pensamento da desconstrução aponta para a distinção entre o direito e justiça, também pensada como um indecível, que seria inalcançável a partir do mero recurso ao aparelho jurídico. Com isso, Derrida nos levaria a uma forma de vigília em relação às ingenuidades e às violências que freqüentemente pautam os discursos em defesa de “direitos”. Ao pretender problematizar a força necessária para a instauração desses “direitos” e ao questionar o interior do sistema jurídico,

Derrida pretende uma ampliação de reivindicação de justiça. Esse que é um imenso problema se abriu para mim como uma questão a ser desenvolvida numa pesquisa de doutorado.

Chego ao final propondo três pontos que considero importantes: 1) a ilusão topográfica de conferir um lugar às mulheres; 2) a exigência de estabilidade no sujeito a ser representado; a possibilidade de pensar além do par opositivo masculino/feminino e além das identidades fixas. Com este percurso, pretendo ter demonstrado que, se na hipótese de aliança entre desconstrução e feminismo cabe um papel às mulheres, esse papel poderia ser o de preservar o não-lugar, a não-verdade, a diferença não-opositiva a partir da qual se abre a chance de desconstrução do masculino como verdade e como referência universal.